

12 ABR 2014 • 18:00 • SALA SUGGIA

---

# ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

---

MORTE E RESSURREIÇÃO

**PEDRO NEVES** DIRECÇÃO MUSICAL

## 1ª Parte

---

**Nicolai Rimski-Korsakoff**

*A Grande Páscoa Russa*, abertura, op.36 [1887-88; C.14MIN.]

**Olivier Messiaen**

*Et exspecto resurrectionem mortuorum* [1964; C.35MIN.]

1. *Das profundezas do abismo eu grito para ti, Senhor: Senhor escuta a minha voz!*
2. *Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais; a morte não tem mais império sobre ele*
3. *Virá a hora em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus...*
4. *Ressuscitarão gloriosos, com um nome novo, no concerto alegre das estrelas e aclamações dos filhos de Deus*
5. *E ouvi a voz de uma multidão imensa...*

## 2ª Parte

---

**Arvo Pärt**

*Trisagion*, para orquestra de cordas [1992/94; C.12MIN.]

**Gustav Mahler**

*Totenfeier* (Cerimónia Fúnebre), poema sinfónico para grande orquestra  
[1888/1894; C.23MIN.]



casa da música

## NICOLAI RIMSKI-KORSAKOFF

TIKHVIN, 18 DE MARÇO DE 1844  
LYUBENSK, 21 DE JUNHO DE 1908

### *A Grande Páscoa Russa, abertura, op. 36*

Na viragem do século XIX para o século XX, Rimski-Korsakoff foi a figura dominante do meio musical russo. Titular de diversos cargos oficiais e membro do Grupo dos Cinco, fundado por Balakirev, Rimski-Korsakoff foi, sobretudo, um dos mais prolíficos compositores russos de ópera e um dos mais geniais orquestradores de toda a história da música ocidental. Não é de admirar, assim, que as suas obras orquestrais estejam entre as suas melhores criações, nomeadamente as obras programáticas, como é o caso da abertura *A Grande Páscoa Russa*, op. 36. Embora não fosse crente, tinha grande interesse pelos temas (e pela música) relacionados com a liturgia.

Entre 1887 e 1888, escreveu três obras para orquestra que haveriam de se tornar das mais emblemáticas da sua produção: *Capriccio espagnol* op. 34, *Shéhérazade* op. 35 e *A Grande Páscoa Russa* (*Svetliy prazdnik*, em russo). Nesta última peça, o compositor baseia-se em cânticos da liturgia ortodoxa russa (*Obikhod*), tomando como ponto de partida a temática da Ressurreição e excertos do Salmo 68, 1-2 e de Marcos 16, 1-6.

Depois de uma extensa introdução lenta de tonalidades por vezes melancólicas (e com recurso a solos, ou passagens solísticas, do violino, do violoncelo, do trombone, do oboé, da flauta e do clarinete), e em que, de certa forma, se assiste ao “despertar” da música, metáfora perfeita para a Ressurreição, segue-se um *Allegro* festi-

vo e jubilante, sinal da vontade do compositor em ilustrar musicalmente o “aspecto lendário e pagão da festa” durante as celebrações da manhã de Páscoa. A ampla instrumentação e a riqueza da orquestração criam uma paisagem sonora de texturas e ambientes variados que ilustram, de forma palpável, a agitação e, no final, a solenidade das festividades.

A abertura é dedicada à memória de Modest Mussorgski e Alexander Borodin e a estreia deu-se no dia 3 de Dezembro de 1888 em São Petersburgo, sob a direcção do compositor.

## OLIVIER MESSIAEN

AVIGNON, 10 DE DEZEMBRO DE 1908  
CLICHY, 27 DE ABRIL DE 1992

### *Et exspecto resurrectionem mortuorum*

Dos mais originais compositores da sua geração, Olivier Messiaen tornou-se num dos mais respeitados e influentes compositores franceses da segunda metade do século XX. Dono de uma linguagem musical muito própria, sempre a certa distância das vanguardas (embora, de certa forma, cultivando a sua própria vanguarda), alimentada por interesses extra-musicais e, também, por música não ocidental, Messiaen desenvolveu um percurso único no panorama musical do pós-guerra em que temas como Deus e a religião, a natureza (incluindo um tema constante: a ornitologia) e o amor (humano e divino) são presenças determinantes, assim como os resultados da sua exploração rítmica, harmónica e melódica. Como o próprio referiu, num dos seus famosos encontros com Claude Samuel:

“há, na minha música, essa justaposição da fé católica, do mito de Tristão e Isolde e da utilização desmedida do canto dos pássaros”. Música muitas vezes figurativa ou programática – numa época em que tal estava já bem longe das preocupações da maioria dos compositores – que aspira à transcendência.

*Et exspecto resurrectionem mortuorum* (“E espero a ressurreição dos mortos”) pertence ao conjunto de mais de duas dezenas de obras de temática religiosa de Messiaen. Resultou de uma encomenda de André Malraux, então Ministro dos Assuntos Culturais de França, foi escrita em 1964 e apresentada pela primeira vez, num concerto reservado a convidados, no dia 7 de Maio de 1965 na Sainte-Chapelle de Paris. A estreia pública deu-se em Janeiro de 1966, sob a direcção de Pierre Boulez, no contexto dos concertos do Domaine musical. Destaca-se por uma instrumentação incomum, constituída por 18 madeiras, 16 metais, e 13 percussões metálicas; logo sem qualquer instrumento de cordas. Uma conjugação de instrumentos que, naturalmente, confere à música uma coloração e uma textura muito particulares, desde logo uma das características mais notáveis e diferenciadoras da obra que, nas palavras do compositor, seria assim “destinada a espaços vastos: igrejas, catedrais, e mesmo ao ar livre e a uma montanha alta”.

Os cinco andamentos, que partilham a temática geral da ressurreição, são precedidos ou introduzidos por uma citação bíblica:

1. *Das profundezas do abismo eu grito para ti, Senhor: Senhor escuta a minha voz!* (Salmo 130, 1-2) – é, de facto, das profundezas que, nesta primeira secção, a música surge, solene e ameaçadora. Segue-se

uma segunda secção, feitas de acordes penetrantes, verdadeiros gritos do abismo;

2. *Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais; a morte não tem mais império sobre ele* (Epístola aos Romanos 6,9) – um andamento em que predomina a melodia, sempre misteriosa e expectante, dividida entre vários instrumentos que a apresentam em declamações solísticas. Nas percussões, que surgem de quando em vez para pontuar a peça, Messiaen introduz ritmos hindus;

3. *Virá a hora em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus...* (Jo 5, 25) – peça baseada no canto do Uirapuro da Amazônia, pássaro que, segundo a lenda, se ouve à hora da morte. Este é seguido pelo som dos sinos e, depois, um unísono nos metais (uma alusão ao início da obra) que conduz a um estrondoso clímax no tam-tam;

4. *Ressuscitarão gloriosos, com um nome novo, no concerto alegre das estrelas e aclamações dos filhos de Deus* (Coríntios 15, 43; Apocalipse 2, 17; Job 38, 7) – peça mais complexa em que o compositor faz uso de um outro canto de pássaro, desta feita da Calhandra, e de duas melodias de canto-chão (*Introito* gregoriano e *Aleluia* do domingo de Páscoa). A solenidade dos sinos e percussões e o júbilo dos trompetes simbolizam a ressurreição;

5. *E ouvi a voz de uma multidão imensa...* (Apocalipse 19, 6) – andamento final que toma a forma de um grande coral, “*fortissimo* enorme, unânime e simples”, nas palavras do compositor.

## ARVO PÄRT

PAIDE (ESTÓNIA), 11 DE SETEMBRO DE 1935

### *Trisagion*, para orquestra de cordas

Dos mais conhecidos e bem-sucedidos compositores contemporâneos, Arvo Pärt criou, na segunda metade dos anos setenta, uma linguagem ou técnica musical muito própria, apelidada de *Tintinnabuli* (“sinos”, em Latim), que caracteriza toda a sua produção posterior, quer instrumental, quer coral. Antes, tinha atravessado um período neoclássico, seguido por explorações de técnicas composicionais mais vanguardistas, incluindo importantes obras em que explora a técnica da “colagem”, ou seja, a utilização de excertos de música de outros compositores num discurso musical original – a obra *Credo* (1968) é emblemática desta ideia. Seguiram-se oito anos de crise criativa, durante a qual praticamente deixou de compor, e de estudo (canto gregoriano e polifonia vocal). Em 1976, o silêncio é interrompido com a curta peça para piano *Für Alina* que inaugura a nova linguagem musical, a já referida *Tintinnabulli*. De aparência simples – por vezes associada ao minimalismo –, esta é uma linguagem marcada por uma austeridade do material sonoro, pela exploração de uma polifonia criada a partir de material tonal (mas não necessariamente dentro dos parâmetros da harmonia tradicional) e por uma cadência geralmente lenta e meditativa, com uma dimensão espiritual explícita. O resultado é uma música de enorme força e impacto emocional, sobretudo nas obras orquestrais e corais. Trata-se de uma técnica ou linguagem difícil de descrever ou codificar e que não é, obviamente, estática.

*Trisagion* é uma obra relativamente recente, demonstrativa do interesse de Pärt pela sonoridade específica da orquestra de cordas. Escrita em 1992 (e revista 1994), é dedicada à paróquia do profeta Elias em Ilomantsi (Finlândia) por ocasião dos seus 500 anos. Foi nesta mesma localidade que a obra foi estreada a 18 de Julho de 1992. Na origem, o Triságio é um hino de aclamação litúrgico da igreja ortodoxa em louvor à Santíssima Trindade. A referência ao número três, de enorme simbolismo, é evidente na própria palavra e também perceptível na peça que se quer uma meditação sobre o texto: “quis escrever”, explica o compositor, “uma oração comunitária, com uma função litúrgica específica e que deve culminar no apelo ao Pai Nosso.” O ambiente é meditativo e solene, próprio ao contexto de oração – porque é disso que se trata aqui, embora com música e sem palavras. Ao início, a música surge progressivamente do nada, no registo grave, e evolui lentamente, de forma misteriosa, num discurso repetitivo, embora repleto de alterações dinâmicas e saltos de registo, do mais suave e subtil ao mais fervoroso. A pouco e pouco, o discurso musical vai-se fechando e tornando mais introspectivo e de cadência mais lenta, até aumentar de novo, tornando-se ainda mais premente até que, no final, o mesmo acorde é repetido obstinadamente, até desvanecer no silêncio. Um último e comovente acto de fé.

## GUSTAV MAHLER

KALISCHT, 7 DE JULHO DE 1860

VIENA, 18 DE MAIO DE 1911

### ***Totenfeier* (Cerimónia Fúnebre), poema sinfónico para grande orquestra**

As nove sinfonias que Gustav Mahler completou durante a vida, assim como o ciclo de “canções sinfónicas” intitulado *Das Lied von der Erde* (A Canção da Terra), constituem um dos conjuntos mais emblemáticos da tradição sinfónica ocidental e de uma certa linguagem musical *fin de siècle*, própria do Romantismo tardio e do início do Modernismo, marcado, geralmente, por enormes efectivos orquestrais que produzem sonoridades amplas e luxuriantes que jogam com algumas ousadias harmónicas mais modernistas.

O poema sinfónico *Totenfeier* foi escrito em 1888 em Cassel, numa altura em que o compositor acabava também a sua primeira sinfonia, e acabou por ser utilizado, mais tarde e com algumas alterações, como primeiro andamento da sua Sinfonia nº 2, *Ressurreição*. Tratando-se de uma “cerimónia fúnebre” – uma grande marcha fúnebre em Dó menor –, parece natural que o espírito geral da música seja pessimista e sombrio. No entanto, o génio de Mahler está precisamente na ambiguidade que confere à música, mesmo nas secções mais funestas (e o tema da morte é um dos temas determinantes que atravessa toda a sua obra).

A peça inicia-se com um *tremolo* assustador que dá lugar a um tema grave e quase colérico no registo grave, tema esse que será presença regular ao longo da narrativa musical. Um segundo tema, bem mais suave, de grande lirismo e de

tonalidades por vezes pastorais (a natureza sendo outro tema determinante na obra de Mahler), vem depois amenizar o ambiente. É ao confronto ou à tensão criada por estas duas áreas temáticas, e às respectivas dimensões emocionais – do pesaroso ao redentor –, que assistimos de seguida. O subsequente desenvolvimento, amplo, leva a música a patamares de enorme intensidade. Note-se aqui o *Dies Irae* e o tema que, na sinfonia, será o da *Ressurreição*. Depois de uma curta reexposição, a peça termina com uma coda ambígua em termos harmónicos e em que a intensidade da música vai diminuindo progressivamente até que um derradeiro e violento solavanco conclua a peça, levando a música, de novo, para as profundezas.

FRANCISCO SASSETTI [2014]

## PEDRO NEVES DIRECÇÃO MUSICAL

Pedro Neves é Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho, assumindo recentemente o cargo de Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. É doutorando na Universidade de Évora, sendo o seu objecto de estudo as seis sinfonias de Joly Braga Santos. Foi Maestro Titular da Orquestra do Algarve (2011-2013) e é convidado regularmente para dirigir a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Filarmonia das Beiras e Orquestra Cidade de Joensuu (Finlândia). No âmbito da música contemporânea tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble – com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, além de digressões pela Coreia do Sul e Japão –, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e Remix Ensemble Casa da Música.

É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas e tem tido uma elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada.

Pedro Neves estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente no Conservatório de Música de Aveiro, Academia Nacional Superior de Orquestra em Lisboa e Escuela de Música Juan Pedro Carrero em Barcelona, com o apoio da Fundação Gulbenkian. Estudou direcção de orquestra com Jean-Marc Burfin (Licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra), Emilio Pomàrico em Milão e Michael Zilm, do qual foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

Para 2013 e 2014, tem agendados compromissos com as mais importantes orquestras portuguesas, destacando-se a realização de um programa dedicado a Luís de Freitas Branco com a Orquestra Gulbenkian, Poulenc com a Orquestra Sinfónica Portuguesa e Messiaen e Mahler com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

## ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

**Christoph König** *maestro titular*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jeremie Rohrer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa ou Lothar Zagrosek. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin e Luca Francesconi.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanha-

mento de projecção de filmes e aos concertos comentados, bem como a diversas acções educativas, incluindo o projecto “A Orquestra vai à escola”, workshops de composição para jovens compositores e a masterclasses de direcção com o maestro Jorma Panula.

A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha e Maria João com David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Na temporada de 2014, a Orquestra é dirigida pela primeira vez por maestros como Peter Eötvös e Ilan Volkov, e interpreta uma nova obra de Unsuk Chin em estreia mundial.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

### **Violino I**

David Juritz\*  
José Pereira\*  
Vadim Feldblioum  
Emília Vanguelova  
Vladimir Grinman  
Roumiana Badeva  
José Despujols  
Arlindo Silva  
Tünde Hadadi  
Ianina Khmelik  
Andras Burai  
Maria Kagan  
Alan Guimarães  
Ana Madalena Ribeiro\*

### **Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Pedro Rocha  
José Sentieiro  
Paul Almond  
Francisco Pereira de Sousa  
Germano Santos  
Lilit Davtyan  
José Paulo Jesus  
Domingos Lopes  
Nikola Vasiljev  
Vítor Teixeira

### **Viola**

Anna Gonera  
Jean Loup Lecomte  
Rute Azevedo  
Emília Alves  
Luís Norberto Silva  
Theo Ellegiers  
Biliana Chamlieva  
Hazel Veitch  
Beata Costa\*  
Trevor McTait\*

### **Violoncelo**

Feodor Kolpachnikov  
Michal Kiska  
Gisela Neves  
Bruno Cardoso  
Aaron Choi  
Hrant Yeranosyan  
Américo Martins\*  
Vanessa Pires\*

### **Contrabaixo**

Slawomir Marzec  
Jean Marc Faucher  
Joel Azevedo  
Tiago Pinto Ribeiro  
Nadia Choi  
Angel Luis Martinez\*

### **Flauta**

Paulo Barros  
Ana Maria Ribeiro  
Angelina Rodrigues  
Alexander Auer  
Carla Rodrigues\*

### **Oboé**

Aldo Salvetti  
Jean-Michel Garetti  
Tamás Bartók  
Eldevina Materula

### **Clarinete**

Luís Silva  
Carlos Alves  
António Rosa  
Gergely Suto  
João Moreira\*

### **Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Pedro Silva  
Vasily Suprunov

### **Trompa**

Abel Pereira  
Hugo Carneiro  
Tiago Oliveira\*  
Bohdan Sebestik  
Dorottya Vig\*  
Rodrigo Carreira\*

### **Trompete**

Sérgio Pacheco  
Ivan Crespo  
Luís Granjo  
Rui Brito

### **Trombone**

João Martinho  
Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Nuno Martins

### **Tuba**

Sérgio Carolino  
François Thuillier\*

### **Tímpanos**

Bruno Costa

### **Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
Sandro Andrade\*  
Bruno Silva\*  
Germán Agulló\*

### **Harpa**

Ilária Vivan

\*instrumentistas  
convidados





casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA



PORTO PALÁCIO  
CONGRESS HOTEL & SPA  
★★★★★

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

